

MAITÊ VALLEJOS

**ENCONTRO DE ARTE E TRADIÇÃO (ENART): O CULTIVO DA TRADIÇÃO
CULTURAL GAÚCHA POR MEIO DO FESTIVAL**

CELACC/ECA-USP
2013

MAITÊ VALLEJOS¹

**ENCONTRO DE ARTE E TRADIÇÃO (ENART): O CULTIVO DA TRADIÇÃO
CULTURAL GAÚCHA POR MEIO DO FESTIVAL**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Mídia,
Informação e Cultura produzido sob a orientação do Prof. Dr.
Silas Nogueira

CELACC/ECA-USP
2013

¹ Maitê Vallejos é Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário Franciscano (Unifra), em Santa Maria, RS. Atua profissionalmente na área de comunicação para terceiro setor. Pós-graduanda Mídia, Informação e Cultura pelo Celacc, USP.

RESUMO

Este trabalho consolida-se na intenção de entender como se dá o cultivo da tradição gaúcha, adotando-se como base de estudo o *Encontro de Arte e Tradição (ENART)*, que ocorre uma vez por ano no Rio Grande do Sul desde 1986. Reconhecido como o maior evento tradicionalista gaúcho do mundo, o festival aborda diferentes aspectos da cultura local e esta pesquisa busca mapear como estas manifestações e competições artísticas contribuem para que as raízes deste povo permaneçam arraigadas aos costumes tradicionais.

Palavras-chave: tradição, cultura gaúcha, arte, identidade, ENART.

ABSTRACT

This work is consolidated with the intention to understand how is the cultivation of “gaúcho” tradition, adopting as the basis of study the meeting of Art and Tradition (ENART), which occurs once a year in Rio Grande do Sul since 1986. Recognized as the biggest traditionalist “gaucho” event in the world, the festival covers different aspects of local culture and this research seeks to map how these artistic events and competitions contribute to the roots of this people remain rooted traditional customs.

Keywords: tradition, “gaucho” culture, art, identity, ENART.

RESUMEN

Este trabajo se consolida con la intención de entender cómo es el cultivo de la tradición gauchesca, adoptando como base de estudio de la reunión de Arte y Tradición (ENART), que tiene lugar una vez al año, en Río Grande do Sul desde 1986. Reconocido como el más grande evento tradicionalista gaúcho del mundo, el festival abarca diferentes aspectos de la cultura local y la tesis pretende cartografiar cómo estos eventos artísticos y concursos contribuyen para que las raíces de este pueblo permanecen arraigadas a los costumbres tradicionales.

Palabras clave: tradición, cultura gaúcha, arte, identidad, ENART.

SUMÁRIO

Resumo	3
Introdução	5
O gaúcho: breve resgate histórico.....	8
Tradição e identidade	11
Análise de dados	13
Considerações finais	16
Referências bibliográficas	18
Anexo	20

Introdução

O *Encontro de Arte e Tradição (ENART)* é reconhecido pela Unesco como o maior festival de arte amadora da América Latina, bem como maior evento tradicionalista gaúcho do mundo². Criado em 1986, o ENART tem por finalidade a preservação, valorização e divulgação das artes, da tradição e da cultura popular do Rio Grande do Sul. É um concurso onde as invernadas³ artísticas dos CTGs (Centro de Tradição Gaúcha) das 30 regiões do estado disputam o primeiro lugar em danças tradicionais e coreografias de entrada e saída, entre outras modalidades tais como declamação, trova, chula, solista vocal, e outros.

Para chegar até a final, que ocorre todos os anos no segundo final de semana do mês de novembro em Santa Cruz do Sul - RS, o departamento artístico, composto por dançarinos, músicos, instrutores e coreógrafos, passam pelas eliminatórias que são realizadas, primeiro em cada região tradicionalista, depois se aglomeram a cada cinco regiões e, então, vão para a final com apenas 40 grupos.

Este artigo nasce com o intuito de estudar como se dá o cultivo das tradições gaúchas, através deste festival. O principal objetivo deste texto não é apenas explicar o que é o ENART e como funcionam as competições em si, mas é entender, sobretudo, como este evento permanece acontecendo com a mesma solidez durante tantos anos e quais são os traços da cultura gaúcha que estão presentes no festival e como estas manifestações colaboram para a não perda dos costumes tradicionais. Ainda mais a frente, busca-se levantar também a questão de como a contemporaneidade se relaciona com esse movimento de “perpetuação” tradicionalista.

Para que estes questionamentos sejam analisados e para que se possa aprofundar um pouco deste que é apenas um recorte da história e cultura do Rio Grande do Sul, o referencial teórico da pesquisa pretende abarcar alguns conceitos chave relacionados à tradição, história e identidade gaúcha. Este último conceito, inclusive, é parte fundamental do texto para que se reconheça traços desta identidade para além do ENART. Segundo a autora Nilda Jacks (1998):

“A figura emblemática e mítica do gaúcho, cuja representação ainda hoje circula em diversos discursos e artefatos, teve sua constituição, sua invenção, forjada graças a inúmeras condições históricas que possibilitaram o seu surgimento, tendo sido apropriada pelo discurso literário, político, e é utilizada nos dias de hoje como símbolo de todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul”. (JACKS, 1998, p. 24)

² Fonte: <http://www.mtg.org.br/enart.html>

³ Invernadas é como são denominados os grupos de dança gaúcha tradicionalista no Rio Grande do Sul.

Deve-se acordar que este trabalho também está situado no campo dos Estudos Culturais, cujos conceitos estão justamente atrelados a temas como cultura, identidade e sistemas de significação e poder. Assim, entende-se a cultura como constituidora de todos os aspectos da vida social e considera-se que os processos de significação social inerentes a ela, não se dão sem permanentes lutas e tensões. Nessa direção, Silva (1993) observa que:

“a cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nesta concepção, um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos” (SILVA, 1993, p. 133-134).

Sobre os processos de produção cultural das identidades, crê-se que se trata de um campo contestado, pleno de símbolos e enunciados em freqüente movimentação. Por esta razão, ao longo do texto a tentativa é deixar ao menos implícito como o culto à tradição gaúcha afeta a maneira como se define a própria cultura gaúcha neste contexto do festival.

Para Coutinho (2002), o termo "tradição"⁴ é precisamente o fato de designar, ao mesmo tempo, um legado cultural ou um objeto, o produto da atividade humana e a sua reprodução ou transmissão no tempo:

“As concepções metafísicas da cultura, sejam elas objetivistas ou subjetivistas, enfatizam, cada qual, uma dessas dimensões da tradição, tendo em comum o fato de desconsiderarem a articulação entre elas, isto é, o processo pelo qual o homem através de sua práxis criadora transforma ativamente a realidade sócio-cultural” (COUTINHO 2002, p.3).

Como metodologia de pesquisa, a escolha para este artigo será utilizar-se da *observação não participante*, que é quando o observador permanece de fora do fenômeno, não participando dele ativamente e apenas executando um papel de expectador. Conforme a explicação de Cunha (1982): “também chamada de observação

⁴ “A palavra “tradição” deriva do latim: traditio. Do verbo tradere, que significa a ação de transmitir, entregar. Proveniente do direito romano, a expressão denotava originalmente a idéia de transmissão material como, por exemplo, na frase: "per manus traditae glaebae" ("glebas passadas de mãos em mãos") ou a transmissão de um poder ou um direito a outrem, como em “imperium navium legato populi Romani ademisti, Syracusano tradidisti" ("você tirou um legado do povo romano, o comando dos navios, e o entregou a um siracusano"). Mas além da acepção jurídica, o vocábulo traditio significava, já na Antigüidade, a transmissão de idéias, ensinamentos, práticas, normas e valores, podendo designar tanto a ação de transmitir” (COUTINHO 2002, p.3).

participante não-estruturada ou não-controlada, é aquela em que um participante vai captando os acontecimentos, fazendo o papel de um repórter, sem, entretanto, participar ou influir no fluxo dos acontecimentos” (p. 57).

As impressões colhidas para este trabalho se darão, então, a partir de percepções pessoais da observação (não participante) do ENART, além da análise de materiais audiovisuais, os quais contêm as apresentações de dança e demais competições do evento⁵, relativas à última edição que ocorreu nos dias 16, 17 e 18 de novembro de 2012 em Santa Cruz do Sul.

A fim de dar maior embasamento ao conteúdo das análises também será utilizado o formato de *entrevistas semi-estruturadas* para a coleta de dados e cruzamento das informações teóricas com os depoimentos de dois atores envolvidos com o ENART: o presidente do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), Erival Berolini e também do instrutor da invernada do CTG Rancho da Saudade (grupo que ficou em 1º lugar na principal categoria do concurso em 2012), Émerson Ribeiro. “Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 17).

Depois do questionário, o método de entrevista é o mais utilizado para a coleta de dados para estudo de usuários, conforme sinaliza Cunha (1982). O contato direto com o entrevistado, permite esclarecer dúvidas importantes sobre as questões pesquisadas e ao mesmo tempo dá um maior grau de confiabilidade às informações coletadas. Segundo o autor:

“a situação social em que se desenvolve a entrevista é, em si mesma, uma situação social em que entrevistador e entrevistado interagem, isto é, se influenciam um ao outro, não apenas através das palavras que pronunciam, mas também pela inflexão da voz, gestos, expressões fisionômicas, modo de olhar, aparência e demais atrações pessoais e manifestações de comportamento” (CUNHA, 1982, p. 32).

Através das entrevistas, será possível confirmar, reafirmar ou então contestar as discussões dos autores a cerca dos conceitos de tradição, identidade e cultura para então realizar o cruzamento dos fatos e chegar a conclusões finais deste artigo. Acredita-se que com a possibilidade da entrevista ocorrer de uma maneira mais informal, entre perguntas abertas e fechadas, o objetivo desta pesquisa será alcançado, à medida que são essenciais os depoimentos pessoais de pessoas ligadas ao festival para entendimento da teoria que estamos discorrendo nas linhas abaixo.

⁵ Ao total, a 26ª edição do ENART contou com a disputa de 23 modalidades na competição.

O gaúcho: breve resgate histórico

Os primeiros relatos escritos de representação dos habitantes do sul do Brasil datam do final século XVIII, através de registros de historiadores ou viajantes, cujos textos trazem a marca de sentidos negativos atribuídos ao homem que morava ou circulava no espaço territorial do que seria hoje o pampa uruguaio, brasileiro e argentino. Sobre o gaúcho, Gonzaga (1996) apresenta uma definição:

“Os termos gaúcho e gaudério são atribuídos a ele, e significavam, de um modo geral, homens errantes, rudes, mal vestidos, com pouca higiene, sem família, valores ou apego material ou emocional, que praticavam roubos e assassinatos, viciados em jogos e ladrões de mulheres, e cuja qualidade era a fidelidade a quem lhe dava pouso ou trabalho temporário” (GONZAGA, 1996, p. 120).

No século seguinte, o termo vai servindo de denominação também para os trabalhadores das estâncias — peões, diaristas, changadores, posteiros (GONZAGA, 1996), até porque o homem do século XVIII vai se transformando no trabalhador das fazendas no processo de povoamento do estado. Conforme conta Gonzaga (1996), “a escolha do ‘gaúcho’ como o representante do habitante do extremo sul do Brasil ocorre no século XIX, consolidando-se no XX, quando as elites políticas passam a se valer desta determinada representação como forma de aglutinação social” (p. 123).

Por ocasião da Revolução Farroupilha, começa a se formar uma identidade que caracteriza o sul-rio-grandense (GONZAGA, 1996), no movimento de associação dos soldados para a luta: “o termo gaúcho ainda não é acionado, mas uma significação em torno do nativo no Rio Grande do Sul ganha conotação inversa da anterior e estende-se a todos os que habitam o local” (GONZAGA, 1996, p. 124).

Encontrar as matrizes culturais de uma representação do morador do Rio Grande do Sul é um processo muito complexo, no entanto, é possível cercar alguns elementos históricos, políticos, econômicos e culturais que contribuíram para que o sul-rio-grandense adquirisse esta marcação identitária que predomina até hoje.

Silveira (2003), ao estudar a representação midiática do gaúcho, busca as matrizes ibéricas e chega ao ideário da cavalaria medieval europeia como fornecedor dos traços que marcam a representação do gaúcho.

“O comportamento guerreiro, os códigos de honra, as qualidades de galanteador, a fidelidade ao senhor (no caso o estancieiro ou o comandante militar), a solidão do errante, as canções de gesta e os jograis (que resultam na música e na trova locais) são elementos comuns às duas representações, ambas idealizadoras de um tipo

humano, ambas auto-representações positivas, que vigoram até a atualidade, nas últimas décadas com grande reforço da mídia na sua elaboração” (SILVEIRA, 2003 p. 47).

De acordo com Silveira (2003), a tradição oral, mesclada com influência da literatura europeia, ajudou a forjar a identidade cultural hegemônica do sul-rio-grandense, além do argentino e do uruguaio. Assim, a literatura e a historiografia produzidas no Rio Grande do Sul foram responsáveis pela conversão do conceito de gaúcho numa representação positiva do sul-rio-grandense e sua transformação em mito:

“No final do século XIX, a literatura inicia no estado e ingressa de forma retardatária no romantismo, definindo-se pelo regionalismo e elegendo o morador da zona rural da campanha gaúcha como personagem. Autores divergem a respeito da autoria da inauguração da personagem por José de Alencar, com *O Gaúcho*, escrito em 1870, mas concordam com a influência deste romance sobre a forma de representar o morador local” (SILVEIRA, 2003 p. 49).

De acordo com Oliven (2006), essa figura do homem livre dos pampas, domador de cavalos iniciou um processo de criação da identidade do gaúcho. O termo passou a ser usado para exaltar e definir um tipo de sujeito que possui um passado de honras e glórias e que “formou homens à imagem de um tipo ideal, criado em meio à liberdade do campo, montado em seu cavalo, desbravando a natureza, protegendo as fronteiras, respeitando o inimigo e lutando pela honra e pela justiça” (OLIVEN, 2006, p.66). Complementando esta ideia, Maciel (1994) contribui:

“O gaúcho também pode ser pensado como uma figura emblemática, pretendendo sintetizar e expressar uma determinada imagem dos habitantes da região, transmitindo idéias e valores sobre como seriam (ou deveriam ser) os gaúchos. [...] A figura do gaúcho como representativa de uma identidade regional é elaborada a partir de uma busca pelo que seria denominador comum, procurando o que diferencia, perdura” (MACIEL, 1994, p. 79).

A historiografia local é ufanista nos relatos aos personagens da história, transformando-os em heróis, símbolos das características do povo local. Pesavento (1996, p. 67) pensa que a história como ciência se incumbe de resgatar para a classe dominante seu passado que deve exaltar suas virtudes e justificar as ações dessa classe no presente.

Nesta história, marcada pelos conflitos armados, a Revolução Farroupilha foi um acontecimento marco para a identidade gaúcha, pois reuniu uma série de aspectos para tal: a longa duração, a instalação de um poder paralelo ao do Império, a construção da nação (símbolos nacionais como hino e bandeira e constituição) e a ocorrência de feitos épicos. Fatos que se tornaram relatos do mito de origem (PESAVENTO, 2003) de uma

nação que até hoje vive no imaginário gaúcho. “Tanto a historiografia como a literatura dão ao passado uma superioridade em relação ao presente e contribuem para o surgimento da representação hegemônica” (PESAVENTO, 2003, p. 62).

Estudioso da Revolução Farroupilha, Flores (1990) acredita que num determinado momento literatura e historiografia se cruzaram e geraram a mitificação do gaúcho no lendário cavaleiro heróico que formou o estado:

“O grande impulso para a massificação da identidade cultural gaúcha foi dado pelos movimentos culturais, cujo primeiro ocorreu no final do século XIX, com o Grêmio Gaúcho, fundado por João Cezimbra Jacques. O objetivo da instituição era cultuar a memória dos heróis farroupilhas, logo, nas cidades médias do estado criaram-se outras associações semelhantes a esta” (FLORES, 1990, p. 62).

Segundo o autor ainda, durante o Estado Novo, as organizações tradicionalistas são fechadas, dentro de uma política de nacionalismo (FLORES, 1990), mas a sua volta dá-se a partir dos 1940, com o tradicionalismo, e nos 70, com o nativismo, que consolidaram na contemporaneidade a representação hegemônica do nascido no Rio Grande do Sul.

O primeiro Centro de Tradição Gaúcha — o CTG 35 — foi criado em 1948. O movimento reunia jovens descendentes de pequenos proprietários rurais de áreas pastoris e estancieiros em processo de descenso social que vinham a Porto Alegre para estudar (OLIVEN, 1993).

Oliven (1993) aponta que “este era um período de início da mundialização da cultura, com a difusão de bens culturais produzidos nos países centrais e a germinação de uma cultura global, marcadamente americanizada” (p.147). Desta forma, o gaúcho tem sua identidade em crise, pois se enxerga desterritorializado e com sentimento de perda de pertença, por isso, é neste contexto que ocorre a instauração dos movimentos de representação que até hoje são revigorados nos CTGs e em outros locais de vivência da cultura gaúcha, a fim de cultivar a tradição.

Tradição e Identidade

O tradicionalismo gaúcho é hoje considerado por seus membros como o maior movimento cultural popular do mundo. Esta informação é veiculada nos discursos das sessões solenes que pontuam a abertura e o encerramento da maior parte de suas atividades, bem como por políticos e demais autoridades. O folclorista Antonio Augusto Fagundes, em entrevista ao antropólogo Ruben George Oliven (2006, p.122) se refere à participação direta de dois milhões de pessoas, no tradicionalismo e o site do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)⁶ menciona a existência de 1400 entidades tradicionalista filiadas à entidade. Neste sentido, os dados permitem constatar que o gauchismo (em suas mais variadas expressões) movimenta milhares de pessoas em suas datas comemorativas e inúmeras atividades, a contar as edições anuais do ENART.

Segundo Maciel (1994, p.8; p.102), por gauchismo é preciso compreender diversas manifestações culturais que têm o gaúcho como ponto de referência e que jogam sobre essas representações, exprimindo um sentimento de pertencimento. Sua diferença com as outras dimensões do regionalismo é que o gauchismo não quer estudar ou escrever sobre o gaúcho.

Ele pretende oferecer um culto às tradições por “encarnação” de uma imagem do gaúcho. A personificação do gaúcho efetuada pelos tradicionalistas pretende representar o “verdadeiro” gaúcho e eles se dão o título de “guardiões” de uma pureza em nome de uma “autenticidade”. Jacks (1998) fala sobre o “mito do gaúcho”, o qual, conforme a autora, “engendrou um tipo, uma personalidade, que passou a identificar idealmente o gaúcho e impor-se como padrão de comportamento” (p. 21).

Segundo a perspectiva de Maciel (1994), também fazem parte deste universo de culto intelectuais e literatos que se preocupam com as tradições regionais, através da exaltação da terra e do homem como fazem, por exemplo, os poetas membros da Estância da Poesia Crioula - EPC (uma espécie de academia regionalista das letras gaúchas), os poetas e músicos que participam dos festivais nativistas, muitos deles também membros da EPC, os participantes dos Centros de Tradições Gaúchas CTGs e

⁶ MTG é uma entidade associativa, que congrega mais de 1400 Entidades Tradicionalistas, legalmente constituídas, conhecidas por Centro de Tradições Gaúchas (CTGs) ou outras denominações que as identifiquem com a finalidade a que se propõe. As Entidades Tradicionalistas filiadas ao MTG estão distribuídas nas 30 Regiões Tradicionalistas, as quais agrupam os municípios do Rio Grande do Sul. O MTG, dedica-se à preservação, resgate e desenvolvimento da cultura gaúcha, por entender que o tradicionalismo é um organismo social de natureza nativista, cívica, cultural, literária, artística e folclórica.

dirigentes do Movimento Tradicionalista Gaúcho, alguns folcloristas e dirigentes da FIGTF (Fundação Instituto de Tradição e Folclore), bem como o próprio público consumidor dessas obras e eventos.

O movimento tradicionalista gaúcho ou apenas tradicionalismo, como manifestação do gauchismo, pode ser entendido como um conjunto de atividades organizadas e regulamentadas que objetivam celebrar a figura do gaúcho e seu modo de vida em um passado relativamente distante, tal como os participantes e, sobretudo, os pesquisadores (tradicionalistas) do movimento o percebem e o definem em seus escritos, instituindo práticas de culto em torno das quais se glorifica um passado continuamente atualizado e interpretado no presente. O tradicionalismo, originariamente é comum às regiões onde hoje se localizam a Argentina, o Uruguai e o estado do Rio Grande do Sul. Territórios em que historicamente é referida a presença do gaúcho identificado à vida rural, cuja principal atividade econômica consistia no apresamento de gado para a comercialização do couro. Para Teixeira (1988, p.53), o termo gaúcho teve uma trajetória semântica notável. De início significava contrabandista, vagabundo, anti-gregário, incivilizado, anti-social⁷. Hoje, passou a significar valores positivos em grau aumentativo.

Mas, apesar de o gaúcho ser comum a essas três regiões, o movimento tradicionalista apresenta particularidades locais bem marcadas a começar pelas questões de pertencimento que enseja. O gaúcho, no Uruguai e na Argentina, é apropriado e festejado pelos tradicionalistas daqueles países como uma figura emblemática nacional e, no Rio Grande do Sul, é representado como um sinal para a construção das identidades regionais em relação às identidades nacionais brasileiras (Oliven, p.2006).

O tradicionalismo gaúcho do Rio Grande do Sul, enquanto movimento, se expande por vários estados do Brasil, sendo lá cultuado por gaúchos, descendentes e também por simpatizantes. Atualmente, há entidades tradicionalistas organizadas dentro e fora do Rio Grande do Sul, que se espalham por todo mundo.

⁷ Maciel (1994, p.500) efetua a distinção entre gauchismo e regionalismo gaúcho ao analisar a expansão do tradicionalismo gaúcho pelo Brasil. Conforme a autora, apenas o primeiro pode se estender a outros estados como modalidade de culto às tradições, enquanto o segundo atuaria como critério de reconhecimento e seria o autêntico culto às tradições realizado apenas dentro do estado que o originou, na perspectiva de delimitar identidade regional com relação ao espaço da região.

Análise de dados

Após uma revisão teórica, esta pesquisa busca a partir de agora, fazer o cruzamento entre os depoimentos colhidos e os conceitos de alguns autores que ajudam a construir uma linha de raciocínio, propondo a discussão a cerca da identidade, tradição gaúcha e também sobre o conceito de pertencimento.

Por meio de entrevistas⁸ *semi-estruturadas*, abordou-se o presidente do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), Erival Bertolini e o instrutor da internada do CTG Rancho da Saudade, Êmerson Ribeiro, que levou o CTG ao 1º lugar na principal categoria do ENART 2012. Vale lembrar ainda que a metodologia escolhida para este artigo é a da *observação não-participante*, quando houver alguma espécie de descrição ou impressão sobre o festival. É importante também frisar que considera-se para a análise de dados apenas a etapa final da 26ª edição do ENART, que ocorreu nos dias 16, 17 e 18 de novembro de 2012 em Santa Cruz do Sul.

O ENART 2012 foi um evento que contou com a presença de cerca de 3,1 mil artistas amadores do Rio Grande do Sul, concorrendo em 23 modalidades diferentes, tais como danças tradicionais, chula, gaita, violão, declamação, entre outras⁹. Durante os três dias do evento, pelo menos 75 mil pessoas passaram pelo parque onde ocorrem as apresentações e também local aonde os grupos vindos de outras cidades acampam e confraternizam neste período.

São três dias de competições acirradas, em que internadas e artistas de todas as regiões do RS, após passar por eliminatórias regionais, apresentam na etapa final suas coreografias e performances ao público e ao júri. Este é um cenário composto “apenas por pessoas apaixonadas pelo culto às tradições gaúchas”, expressa Erival Bertolini, presidente do MTG. Questionado sobre qual a importância do ENART para a cultura gaúcha, Bertolini responde:

“O ENART é muito importante para a nossa cultura, pois tudo que é apresentado lá é fruto de pesquisa, somado à criatividade dos participantes. Estas pesquisas são encaminhadas com antecedência e analisadas pelo setor competente para não desvirtuar. Para perpetuar temos quatro mil participantes, mais de 90% são jovens, e temos milhares de juvenis e mirins a espera do seu crescimento e se preparando para um dia chegar no palco do ENART. A perpetuação está garantida. Cada ano se organiza mais e cresce mais e, sempre em

⁸ As entrevistas foram realizadas no dia 6 de maio de 2013.

⁹ A lista completa dos vencedores nas 23 modalidades encontra-se no anexo deste artigo.

Santa Cruz, milhares de jovens choram nestes palcos pelos aplausos e ou pela vitória, pela classificação. Vem daí este simbolismo todo” (BERTOLINI, entrevista concedida na data de 6/5/13).

Já para Emerson Ribeiro, do CTG Rancho da Saudade, a importância do festival se manifesta da seguinte forma:

“O ENART é o momento do ano esperado por todo dançarino, é a nossa ‘copa do mundo’, as pessoas abrem mão de suas vidas pessoais e vivem de forma intensa esse sonho de dançar um ENART. Abrem mão de vida social e até de relacionamentos para lutar por esta causa. Quando se conquista o objetivo da vitória, a sensação de dever cumprido toma conta de todos os envolvidos” (RIBEIRO, entrevista concedida na data de 6/5/13).

Como se percebe nas respectivas falas, o ENART representaria a perpetuação da cultura para um e a “copa do mundo” para o outro, no que se refere ao culto (no sentido de cultivar) esta tradição. Canclini (1998) nos diz que “a teatralização do patrimônio é o esforço para simular que há uma origem, uma substância fundadora, em relação à qual deveríamos atuar hoje” (p. 162), ou seja, o festival significaria esta “teatralização do patrimônio” para as pessoas que estão envolvidas em toda a cadeia que envolve desde os bastidores até a execução do evento, a fim de sempre retomar “a origem” da cultura gaúcha. Ribeiro explica como o grupo de dança trabalhou em cada detalhe para chegar à vitória:

“A construção das 18 danças, mais a elaboração das coreografias, juntamente com a confecção dos trajes, requer atenção na criação, paciência no acabamento e muitas horas de dedicação por parte de todos os envolvidos. Este ano contamos com carnavalescos para confecção de nossos acessórios de coreografias de entrada e saída. Temos uma equipe muito grande trabalhando no entorno do grupo em todos os aspectos, de organização, estudos e melhoria técnica” (RIBEIRO, entrevista concedida na data de 6/5/13).

Com relação à perpetuação da cultura, Bertolini aponta a questão do ENART ser um festival que permanece vivo desde 1986, muito em função da adesão da classe mirim e, assim, este depoimento leva à chegada de outro conceito importante: o termo *pertencimento*. Em meio a este diálogo Sousa (2010) coloca que o sentimento de pertença “se traduz de forma visível, em sentidos e motivações diversos dos de suas raízes, sustentando a busca de participação em grupos, tribos e comunidades que possibilitem enraizamento e gerem identidade e referência social” (p. 34). Sobre a participação em grupos, Bertolini também fala bastante sobre como se dá o envolvimento do CTG para com seus membros numa forma de também manter a tradição para além do festival:

“O CTG é o espaço criado para acolher as manifestações da tradição gaúcha e é no CTG que faz sentido todo o culto, toda a prática, toda atividade que envolve os símbolos e rituais dessa tradição. A associação em torno dele é livre, basta que haja a identificação com os símbolos e rituais apresentados nesse espaço e não é cobrado de nenhum membro do CTG que pratique esses rituais fora dali, pois o CTG não tem caráter normativo e nem pretende regulamentar a vida dos seus membros. Esse espaço é necessário para manter a sociabilidade e o vínculo daqueles que se identificam como gaúchos” (BERTOLINI, entrevista concedida na data de 6/5/13).

Para Bertolini, as tradições precisam ser “reinventadas” todos os dias para que a cultura genuína do gaúcho permaneça em voga nestes meios. O CTG serve como cenário para manter os vínculos e a sociabilidade de um grupo que se reconhece e se diferencia dos demais por identificar-se em torno si, símbolos, práticas, crenças e rituais. “Onde há um CTG sempre haverá um espaço destinado ao culto das tradições gaúchas”, sentencia Bertolini.

Neste contexto, o ENART também significa a renovação anual e resgate da arte e tradição do RS. Para Thompson (2005) “a tradição se desritualizou; perdeu sua ancoragem nos contextos práticos da vida cotidiana. Mas o desenraizamento das tradições não as privou dos meios de subsistência. Pelo contrário, preparou-lhes o caminho para que se expandisse, se renovasse” (p.160).

Em suma, o sentimento de pertencimento é a base deste movimento. Sousa (2010) diz que a busca do pertencimento é tão complexa como o fundamento desta necessidade e questiona “Pertencer a quê? Incluir-se no quê? Enraizar-se onde?” (p.34):

São essas ‘ruínas das sociedades modernas e de suas instituições’ que motivam a retomada do sentido tanto de comunidade como de pertencimento em dimensões que ultrapassam seus sentidos de origem. Atente-se para o fato de que, entre outros autores que aprofundam historicamente a presença e a significação de comunidade, em Weber, pode-se obter o nexos distintivo entre o subjetivo, que motiva o pertencimento, e o objetivo, que também está presente nesse processo de construção do sentimento de pertencimento, como um interesse. Para ele, a motivação social que justifica a comunidade está em um ‘sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) de partícipes de constituição de um todo’, enquanto o conceito de sociedade tinha sua motivação definida pela ‘compensação de interesses por motivos racionais (de fins ou valores), ou então numa união de interesses com idêntica motivação’ (WEBER, 1973, p. 140)” (SOUSA, 2010, p. 36).

Desta forma, a citação de Sousa (2010) vai de encontro às falas de Bertolini e Ribeiro, que acreditam no cultivo à tradição, como algo que “vem desde o berço” e vai sendo transmitido de geração para geração. Para eles, o envolvimento com o ENART e

com os movimentos tradicionalistas em geral estão diretamente ligados ao amor que sentem às raízes gauchescas “e aos pagos do sul”.

Considerações finais

Enquanto pesquisadora gaúcha é interessante perceber o quanto cotidianamente os significados de identidade e tradição gaúcha estão implícitos em pequenos hábitos, seja em tomar chimarrão, na maneira de se vestir ou agir e também no sotaque e, ainda, o quanto eles se tornam mais claros quando se reconhece um pouco da história do Rio Grande do Sul e se estuda estes conceitos do ponto de vista de um festival, neste caso o ENART 2012.

Em retomada, este artigo fundamentou-se na tentativa de entender como se dá a cultivo da tradição gaúcha por meio do *Encontro de Arte e Tradição*. São 27 anos nos quais o evento permanece vivo e cada vez mais sólido, mantendo a proposta de exaltar as danças típicas e demais manifestações da cultura gaúcha por três dias consecutivos a cada edição.

Quem é o gaúcho? Quem é o povo que habita o sul do Brasil? Quem são as pessoas que se preocupam em resgatar estas raízes? Como a tradição convive com a contemporaneidade? Por que o festival cresce a cada ano e leva milhares de espectadores e artistas à Santa Cruz do Sul? Todos estes são questionamentos que estão por trás do ENART. Stuart Hall (1999) vê as identidades culturais em crise e sugere seu estudo como em situação de diáspora, ou seja, as identidades sofrendo transformações com as migrações dos povos dentro e entre os países. Esse processo está ligado à globalização e às suas conseqüências — impacto mundial das crises econômicas nacionais, desenvolvimento e dos meios de comunicação, maior intercâmbio cultural entre os povos, entre outras.

Segundo Hall (1999), tudo isso gera a mundialização da cultura, que tanto pode homogeneizar culturalmente, quanto contribuir para a resistência e reafirmação de culturas e identidades regionais, produzindo identidades plurais. Talvez seja justamente este o papel de festivais como o ENART: “contribuir para a resistência e reafirmação de culturas e identidades regionais”. Jacks (1998) também considera que o cidadão sul-riograndense da atualidade, que vive no meio urbano, transita entre realidades e temporalidades distintas.

Ao mesmo tempo em que, nos pequenos municípios do interior, resistem os costumes campestres, a capital e as regiões metropolitanas buscam alinhar-se ao cosmopolitismo das grandes cidades. Costumes tradicionalistas e nativistas entrelaçam-se às culturas ítalo, teuto, afro, judico-gaúchas, entre tantas outras que formam a teia cultura do estado.

Outro ponto a ser destacado nas considerações deste artigo é entender que o ENART também está consolidado como um espaço político. Político no sentido de contribuir para a construção da identidade gaúcha de maneira positiva, pois se

pensarmos na construção de uma identidade regional em outros estados brasileiros, muitas delas terão sentido pejorativo ou conotações um tanto negativas (de qualidade e comportamento) daquele determinado povo. A identidade do gaúcho permeia valores como bravura, honra, firmeza, honestidade e valentia e festivais como o ENART exaltam estas características através das músicas, coreografias e encenações.

Oliven (1998) aponta que no final da década de 70 tornou-se lugar comum dizer que as tradições gaúchas estavam morrendo. A profecia, no entanto, não se concretizou, e toda década de 1980 foi marcada pelo renascimento do gauchismo, inclusive pela realização da 1ª edição do ENART.

Hoje, o RS tem mais de mil centros de tradições, mais de quarenta festivais de música e rodeios em todas as épocas do ano, ou seja, existe ainda uma forte simbologia que leva à ideia de pertencimento ao Rio Grande do Sul, à sua cultura e identidade regional. Nesta perspectiva, o ENART é o maior evento tradicionalista gaúcho do mundo, o que significaria que é o maior espaço oficial para culto às tradições típicas que envolvem a arte. De acordo com as palavras de Bertolini “é um sonho daqueles que vivem o tradicionalismo pisar o palco do ENART. Não importa em qual modalidade, estar na final em Santa Cruz do Sul, significa estar entre os melhores do Rio Grande do Sul. É o reconhecimento ao esforço e trabalho abnegado”.

De qualquer forma, segundo os entrevistados para esta pesquisa e conforme às referências bibliográficas, o mérito do festival não é apenas o troféu que é dado aos campeões, mas sim a forma como se retoma a identidade cultural gaúcha e se perpetua a tradição, por meio do sentimento de pertencimento às raízes sul-rio-grandenses.

Referências Bibliográficas

BONI, Valdeti; QUARESMA, Sílvia Jurema. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, 2005.

CAMARGO, Odalgil Nogueira. *Falando em tradição e folclore: conhecimentos básicos da cultura e tradição do Rio Grande do Sul*. 2ª Ed. Passo Fundo: Medeiros Editora Ltda, 2006.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Editora da USP, 1998.
_____. *Noticias recientes sobre la hibridación*. Disponível em
<<http://acd.ufrj.br/pacc/artelatina/nestor.html>>. Acesso em 21 de março de 2013.

COUTINHO, Eduardo Granja. *Os sentidos da tradição*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 de Setembro de 2002. Em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/f777fdae0f704b44711d5cb974fb6369.pdf>

CUNHA, Murilo Bastos. *Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica*. Departamento de Biblioteconomia, Universidade de Brasília. Brasília, 1982.

FLORES, Moacyr. *A Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

GONZAGA, Sergius. *As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura*. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (orgs). *RS Cultura & Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996, p 113-132.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JACKS, Nilda. *Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

KAISER, Jacksan. *Ordem e progresso o Brasil dos gaúchos*. Florianópolis: Insular, 1999.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. *Apontamentos sobre a figura do gaúcho brasileiro*. In: BERND, Zilá (org.). *Olhares cruzados*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994. p. 76-95.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *O renascimento do gauchismo*. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (Orgs.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1998.

_____. *Recriando a tradição na cidade: Porto Alegre e o tradicionalismo gaúcho*. Estudos Urbanos. Porto Alegre: UFRGS, p. 147-152, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Historiografia e ideologia*. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (orgs). *RS Cultura & Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996, p. 60-88.

SILVA, Tomaz Tadeu. *A dupla desterritorialização da cultura gaúcha*. In: FONSECA, Cláudia (org.). *Fronterias da cultura. Horizontes e territórios da antropologia na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993. p. 24-40.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. *O Espírito da Cavalaria e suas representações midiáticas*. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *“Ser gaúcho/a”, escola e Vinte de Setembro*. In: AZEVEDO, José Clovis; GENTILI, Pablo; KRUG, Andréa; SIMON, Cátia (orgs.). *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

SOUSA, Mauro Wilton. *O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição*. Significação: Revista de Cultura Audiovisual / Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, nº34, 2010.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis : Vozes, 2005.

_____. *Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXIERA, Sérgio Alves. *Os Recados das festas*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1988.